

Leia o trecho a seguir.

Era justo que chamasse a máquina de Benedita, destinada à intimidade da casa, esquecida na existência oculta de uma empregada que ele, por conta própria, nas horas de descanso, ensinara a ler. Talvez sua vocação maior fosse mesmo a de professor. Quando ela começara a trabalhar com ele, depois de comprá-la em um leilão e logo alforriá-la e contratá-la, gastara várias noites, à luz de velas, apresentando-lhe as palavras.

(SANCHES NETO, M. *A máquina de madeira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p.139.)

A partir da leitura desse trecho, responda aos itens a seguir.

- a) Há ironia na associação entre a máquina e Benedita, a empregada?
Justifique, situando o trecho no romance.
- b) O trecho faz referência à “vocação” de professor.
Discorra sobre os destaques atribuídos, no romance, às vocações e ocupações do protagonista: de padre, de professor e de inventor.

QUESTÃO 1 – EXPECTATIVA DE RESPOSTA

Conteúdo programático: Análise de recursos expressivos da linguagem literária. Literatura e compreensão de textos literários. Obra: *A máquina de madeira* — Miguel Sanches Neto.

Resposta esperada:

- a) A associação entre a máquina de escrever e a empregada é parte da ironia que surge em vários níveis, no romance. As dificuldades enfrentadas pelo protagonista em produzir seu invento, uma máquina de escrever, em escala industrial, estão ligadas a um modelo de sociedade cuja base é a produção de objetos que desempenham funções práticas no mundo do trabalho. Nesse sentido, parece óbvio ao Padre Azevedo que sua invenção não tem lugar nesse mundo masculino e que, portanto, deveria levar o nome de uma mulher. Em um primeiro momento, quando ainda tem esperança de ganhar o patrocínio da corte, pensa em chamar a máquina de Isabel, em homenagem à princesa. Como isso não ocorre, o nome Benedita – da escrava que fora alforriada e alfabetizada por ele – se torna o mais adequado. A ironia é bastante profunda, visto que o objeto, já ao ser associado ao universo feminino – ainda que ao ambiente da corte –, é tido como algo inútil. Contudo, quando a associação se dá com a escrava alforriada, o grau de marginalização sofrido pela máquina é muito maior. Note-se que, de princesa, ela passa a ex-escrava, aquela que está “destinada à intimidade da casa” e cuja “existência oculta” não provoca interesse em mais ninguém, além de seu criador.
- b) O protagonista de *A máquina de madeira*, Padre Azevedo, desempenha três funções no romance. Curiosamente, a função de padre, que é o modo como é tratado ao longo de todo o texto, aparece muito pouco. Quase não se vê a personagem em tarefas ligadas à religião. Esta é vista por ele como mais uma atividade que desempenha, mas não é a principal. A função de professor aparece em vários momentos, como nesse trecho, em que ele fala sobre a alfabetização de Benedita. Contudo, é certamente a ocupação de inventor que ganha maior destaque. Desde o início, o Padre Azevedo se dedica ao aprimoramento e à divulgação de seu invento de maior importância, a máquina de escrever.

Leia o trecho a seguir.

Como um rochedo pendurado sobre as ribanceiras do mar, que, estalando, rola pelos despenhadeiros e abrindo um abismo se atufa nas águas, assim o cavaleiro desconhecido, rompendo por entre os godos, precipitou-se para onde mais cerrado em redor de Teodomiro e Muguite fervia o pelejar.

(HERCULANO, A. *Eurico, o presbítero*. 2.ed. São Paulo: Martin Claret, 2014. p.85.)

No romance *Eurico, o presbítero*, há um diálogo com a história da formação territorial da Península Ibérica. Nesse sentido, alguns episódios retomam batalhas reais com o intuito de afirmar o heroísmo português frente aos árabes. Associado a certo “realismo” histórico, no entanto, encontra-se a figura do herói, representada por Eurico.

Como a imagem do herói está construída nesse cenário real de batalhas?

QUESTÃO 2 – EXPECTATIVA DE RESPOSTA

Conteúdo programático: Articulação da obra literária com contextos históricos e literários. Relação do texto literário com orientações estéticas dos estilos de época. Literatura e compreensão de textos literários. Obra: *Eurico, o presbítero* — Alexandre Herculano.

Resposta esperada:

O romance *Eurico, o presbítero* pertence à primeira fase do Romantismo português e apresenta feição histórica e nacionalista, na medida em que retoma a formação territorial da Península Ibérica, atribuindo aos portugueses uma imagem de heroísmo. O autor se utiliza de uma série de eventos verídicos, como, por exemplo, a invasão ao convento pelos árabes, além de várias batalhas enfrentadas pelo povos ibéricos. A organização social da época, com suas “leis, usos e costumes”, é base da representação histórica do romance, que prima pela valorização dos heróis nacionais. Nesse sentido, Eurico encarna o herói que representa todo o povo português e sua coragem diante dos “invasores bárbaros”, capazes de atos desumanos, como estuprar freiras indefesas. O jovem presbítero não luta apenas pela manutenção do território com os povos ibéricos, mas também para difundir a religião católica, representada como a única capaz de levar ao reino dos céus. Nesse sentido, a sua religiosidade surge como um dado essencial para a formação de seu caráter de herói sobre-humano, um indivíduo com força e coragem acima do homem comum e que vence batalhas que já haviam sido dadas como perdidas por um exército inteiro. *Eurico, o presbítero* traz, portanto, o diálogo com a História, ao mesmo tempo em que apresenta um indivíduo legendário, que mistura características humanas à fantasia do super-herói.

Leia os trechos a seguir, retirados de duas crônicas de Rubem Braga.

O coronel, que então morava já na cidade, tinha um compadre sitiante que ele estimava muito. Quando um filho do compadre Zeferino ficava doente, ia para a casa do coronel, ficava morando ali até ficar bom, o coronel é que arranjava médico, remédio, tudo.

Quase todos os meses o compadre pobre mandava um caixote de ovos para o coronel. Seu sítio era retirado umas duas léguas de uma estaçãozinha da Leopoldina, e compadre Zeferino despachava o caixote de ovos de lá, frete a pagar. Sempre escrevia no caixote: CUIDADO É OVOS – e cada ovo era enrolado em sua palha de milho com todo carinho para não se quebrar na viagem. Mas, que o quê: a maior parte quebrava como os solavancos do trem.

Os meninos filhos do coronel morriam de rir abrindo o caixote de presente do compadre Zeferino; a mulher dele abanava a cabeça como quem diz: qual... [...]

Um dia perguntei ao coronel se não era melhor avisar ao compadre Zeferino para não mandar mais ovos; afinal, para ele, coitado, era um sacrifício se desfazer daqueles ovos, levar o caixote até a estação para despachar; e para nós ficava mais em conta comprar ovos na cidade.

O coronel me olhou nos olhos e falou sério:

– Não diga isso. O compadre Zeferino ia ficar muito sem graça. Ele é muito pobre. Com pobre a gente tem de ser muito delicado, meu filho.

(BRAGA, R. O Compadre Pobre. In. BRAGA, R. *200 crônicas escolhidas*. Rio de Janeiro: Record, 2013. p.411-412.)

Um amigo meu estava ofendido porque um jornal o chamou de boa-vida. Vejam que país, que tempo, que situação! A vida deveria ser boa para toda gente; o que é insultuoso é que ela o seja apenas para alguns. [...] Vi, há tempos, um conhecido meu, que se tornou muito rico, sofreu horrorosamente na hora de comprar um quadro. Achava o quadro uma beleza, mas como o pintor pedia tantos contos ele se perguntava, e me perguntava, e perguntava a todo mundo se o quadro “valia” mesmo aquilo, se o artista não estaria pedindo aquele preço por sabê-lo rico, se não seria “mais negócio” comprar um quadro de fulano. Fiquei com pena dele, embora saiba que numa noite de jantar e boate ele gaste tranquilamente aquela importância, sem que isso lhe dê nenhum prazer especial. Fiquei com pena porque realmente ele gostava do quadro, queria tê-lo, mas o prazer que poderia ter obtendo uma coisa ambicionada era estragado pela preocupação do negócio. Se não fosse pelo pintor, que precisava de dinheiro, eu o aconselharia a não comprar.

Homens públicos sem sentimento público, homens ricos que são, no fundo, pobres-diabos – que não descobriram que a grande vantagem real de ter dinheiro é não ter que pensar, a todo momento, em dinheiro...

(BRAGA, R. Os Pobres Homens Ricos. In. BRAGA, R. *200 crônicas escolhidas*. Rio de Janeiro: Record, 2013. p.476-477.)

Explique os significados dos elementos “ovos” e “quadro”, nas crônicas “O Compadre Pobre” e “Os Pobres Homens Ricos”, sob as perspectivas dos diferentes personagens e narradores em cada uma das crônicas.

QUESTÃO 3 – EXPECTATIVA DE RESPOSTA

Conteúdo programático: Literatura e compreensão de textos literários. Obra: *A traição das elegantes* ou *200 crônicas escolhidas* — Rubem Braga.

Resposta esperada:

Na crônica “O Compadre Pobre”, destacam-se as perspectivas do narrador e dos dois compadres: um sitiante pobre chamado Zeferino e um coronel rico. Os ovos enviados habitualmente pelo compadre pobre ao compadre rico expressam as condições humildes (econômicas) de um homem que vivia no campo e que, em caso de urgência de saúde, recorria ao coronel. As dificuldades econômicas do sitiante ficam evidentes não só na ausência de recursos financeiros para as despesas médicas, como também na maneira como procurava retribuir a generosidade do coronel. O desprendimento desse compadre rico relaciona-se com os recursos financeiros disponibilizados diante da necessidade do compadre pobre e com a aceitação da maneira como a gratidão era expressa no envio dos ovos via trem. Não importava para o compadre rico se os ovos quebravam no caminho da estação Leopoldina até a cidade na qual morava. O importante era compreender a única forma de materializar o agradecimento, porque, diante da falta de recursos econômicos, o compadre pobre retribuía a cumplicidade do compadre rico com o que possuía, os ovos. Aquele não possuía muito materialmente para oferecer, mas possuía brio e era muito grato a este. Sob a perspectiva do narrador que participa do enredo, reconhece-se a relação de amizade e cumplicidade entre os compadres, porém a julga como prejudicial a ambos: o compadre rico não poderia fazer uso desses ovos. Diante dessa não efetivação dos propósitos materiais ligados aos ovos, prevalecia um prejuízo de ordem material e econômica. Instaura-se uma incompreensão por parte do narrador.

Já na crônica “Os Pobres Homens Ricos”, o enredo se desenvolve em torno da compra de um quadro, a partir das perspectivas do narrador, do pintor e do comprador. O comprador, de um lado, preocupava-se com o julgamento da imprensa como “boa-vida”, porque, mediante sua riqueza, não haveria necessidade de trabalhar duramente. De outro, preocupava-se com as possíveis vantagens caso adquirisse o quadro. A ideia de lucro pode ser notada quando se questiona a vantagem de se realizar a transação de compra e também pela justificativa de que o alto preço do quadro seria motivado por uma ambição do vendedor e pintor. O narrador compreende que o comprador demonstra apreço pelo quadro. Motivado por essa valorização de afeto, aconselha o amigo rico a comprar o quadro.

O Encanto Feminista

Em seu primeiro discurso na ONU como embaixadora da Boa Vontade para Mulheres, a atriz britânica de 24 anos Emma Watson surpreendeu. Famosa por interpretar a astuta Hermione – a melhor amiga do bruxo Harry Potter – a atriz jogou um novo encanto sobre o feminismo. Conquistou repercussão mundial e sua fala acabou se transformando em ação de *marketing* contra o *site* 4chan, que recentemente abrigou fotografias de artistas nuas como Jennifer Lawrence e Kim Kardashian, e mobilizou anônimos e famosos a aderir à campanha “HeForShe”. O principal ponto de seu discurso foi o chamamento aos homens para entrarem na causa. Disse a atriz que o feminismo não pode ser confundido com ódio aos homens e que a participação masculina é essencial para que a igualdade de gêneros seja alcançada. “Se não se obriga um homem a acreditar que precisa ser agressivo, a mulher não será submissa. Quero que os homens se comprometam para que suas filhas, irmãs e mães se libertem do preconceito e também para que seus filhos sintam que têm permissão para ser vulneráveis, humanos e uma versão mais honesta e completa deles mesmos”, disse.

(BOECHAT, R. *IstoÉ*. 1 out. 2014. Semana. ano 38. n.2340. p.23.)

Observe, a seguir, a pontuação utilizada em três fragmentos do texto.

- I. Famosa por interpretar a astuta Hermione – a melhor amiga do bruxo Harry Potter – a atriz jogou um novo encanto sobre o feminismo.
- II. Conquistou repercussão mundial e sua fala acabou se transformando em ação de *marketing* contra o *site* 4chan, que recentemente abrigou fotografias de artistas nuas como Jennifer Lawrence e Kim Kardashian, e mobilizou anônimos e famosos a aderir à campanha “HeForShe”.
- III. Quero que os homens se comprometam para que suas filhas, irmãs e mães se libertem do preconceito e também para que seus filhos sintam que têm permissão para ser vulneráveis, humanos e uma versão mais honesta e completa deles mesmos.

A partir da leitura do texto e dos três fragmentos, responda aos itens a seguir.

- a) Explique e compare o uso dos travessões duplos no fragmento I com o uso das vírgulas no fragmento II.
- b) Compare o uso das vírgulas nos fragmentos II e III.

QUESTÃO 4 – EXPECTATIVA DE RESPOSTA

Conteúdo programático: A pontuação como recurso sintático e estilístico.

Resposta esperada:

- a) No fragmento I, os travessões isolam e destacam um aposto de uma personagem interpretada pela atriz, o qual, por sua vez, poderia ser isolado pela vírgula. No fragmento II, as vírgulas isolam uma oração subordinada adjetiva explicativa cujo propósito é apontar a razão da repercussão mundial do *site* 4chan. Nesse caso, tais vírgulas poderiam ser substituídas pelos travessões, assim como os travessões pelas vírgulas. Em ambos os casos, as vírgulas e os travessões isolam trechos que correspondem a informações adicionais e acessórias.
- b) Diferentemente do que ocorre no fragmento II, em que a vírgula serve para isolar uma oração subordinada adjetiva explicativa, no fragmento III, as vírgulas servem para separar itens de uma enumeração, ou seja, elementos coordenados entre si: na primeira linha, “filhas” e “irmãs”; na segunda, “vulneráveis” e “humanos”.